

# Música, história e direitos humanos: ensino e aprendizado na busca pela igualdade

**Diego L. R. de Almeida**

*Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco - UPE campus Garanhuns. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência – PIBID – UPE/CAPEs.*

**Ravila de Melo Costa**

*Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco - UPE campus Garanhuns. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência – PIBID – UPE/CAPEs.*

**Rafaela Dantas Sobrinho**

*Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco - UPE campus Garanhuns.*

**Rosa Maria Tenório Farias**

*Professora adjunta do Colegiado de História; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Coordenadora do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID – UPE/CAPEs.*

## Resumo

O presente artigo é fruto das vivências em sala de aula oriundas do programa do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e tem a música como principal recurso de abordagem didática e pedagógica, sendo ressaltada a importância de utilizá-la como uma ferramenta para o ensino, pois as letras das músicas proporcionam aos alunos uma contextualização de períodos históricos, de forma lúdica, atraente, que encanta. Além de possibilitar o entendimento do contexto, ela também dispõe da interpretação do discurso e as diversas formas de comunicação, manipulação e dominação vigente em determinados períodos. A aplicação da música, conforme recurso pedagógico, pode ser útil não apenas para a disciplina de História como também outras podem se beneficiar desta utilidade.

Portanto vê-se necessário traçar a história dessa manifestação artística para compreender a sua utilização como recurso metodológico de ensino-aprendizagem. Ademais, o foco desta pesquisa é direcionado aos Direitos Humanos, mais especificamente às conquistas femininas. Desse modo, neste artigo traçamos três recortes temáticos principais:

o primeiro está relacionado aos direitos humanos no cenário do período colonial; o segundo faz menção ao cenário a Era Vargas e o terceiro e último liga-se a Ditadura Civil-Militar. Diante da necessidade de associar o tema a realidade dos alunos do ensino fundamental, todas essas abordagens foram relacionadas, no presente trabalho, ao contexto de alguns direitos brasileiros atuais. Além disso, tendo em vista o tema principal do projeto, História e Direitos Humanos, é importante salientar que em todos os três temas anteriormente propostos, suas relações com os Direitos Humanos (seja em violações, conquistas ou afirmações) serão sempre destacadas e tidas como lugar-comum para as temáticas, tornando o texto um todo-coeso.

# Objetivos

## Objetivo Geral

**D**iante dessas afirmações, o principal objetivo desse artigo é tomar a música como fonte de compreensão e memória de determinadas realidades sociais dando ênfase a história dos direitos humanos conquistados pelas mulheres como meio de atingir a proposta do projeto “História e Direitos: Memória, Resistência e Condição Feminina”. Além disso, o artigo tem como objetivo demonstrar como a música pode ser uma importante aliada tanto do professor de História, como forma de protesto utilizada por minorias ou em momentos conturbados de uma sociedade.

## Objetivos específicos

- Mostrar aos alunos de forma atrativa um tema e um protagonismo que muitas vezes é negligenciado ou superficialmente abordado na sala de aula.
- Trabalhar com os alunos a importância de determinadas fases na construção dos direitos humanos, com ênfase às conquistas femininas.
- Trabalhar a interdisciplinaridade para cativar o interesse dos alunos
- Traçar uma pequena História da música no Brasil, como forma de contextualização sobre a música.
- Ressaltar a importância da música no ensino de História, bem como suas várias possibilidades de abordagem.

# Metodologia

Antes de entrar em contato com a sala de aula vislumbramos a necessidade de elaboração de um diagnóstico dos alunos em relação à disciplina de História. Assim, no primeiro encontro com a turma do 8º ano do ensino fundamental, aplicamos questionário para identificar o posicionamento e motivos de empatia ou apatia com a disciplina supracitada. Esse questionário foi aplicado oralmente com a turma, estando presentes 23 alunos, sendo 12 meninas e 11 meninos. Após a coleta dos dados foi possível identificar que mais de 50% da turma mostrou uma apatia à área do conhecimento a qual teve como maior justificativa a metodologia tradicional aplicada ao ensino.

Diante dessas afirmações compreendemos que a dificuldade de aprendizagem da disciplina de história estava intimamente relacionada ao distanciamento dos alunos com os temas trabalhados em aula. Captamos entre eles(as) um sentimento de não pertencimento ao processo histórico, como se a história “corresse” à margem, alheia a eles. Nessa direção temos a clareza de que o ensino de história não pode ser concebido como reprodução de conhecimento, é preciso “tocar”, sensibilizar o educando. Assim, compreendemos que precisamos quebrar o ciclo de ensino de uma história linear-sequencial. Na busca de novo olhar sobre o ensino de história, entendemos que é preciso questionar e tornar a disciplina atraente. Sendo assim, buscamos ensinar o conteúdo proposto anteriormente por meio das fontes verbo-poéticas (letra), visto que estes estão intimamente relacionados ao cotidiano dos discentes.

Para essa pesquisa, a principal fonte de investigação foi bibliográfica, relacionada ao tema, ou seja: música, história da música, uso da música no ensino de História etc. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica permeia todo o trabalho, fornecendo conceitos, fortalecendo a argumentação e possibilitando uma maior base teórica.

Tomando como embasamento as ideias de Rusen (2006), em nossa proposta didática-pedagógica, buscamos romper a visão que muitos(as) alunos(as) têm em relação à história como ciência estática, linear e que estuda apenas o passado. O desenvolvimento do projeto foi desenvolvido

buscando abordar a história e o debate sobre os Direitos Humanos em nossa sociedade brasileira, mais especificamente a condição feminina no Agreste Pernambucano, tomando como base protagonistas femininas que por muitas vezes foram silenciadas e “apagadas” da história.

Nessa direção, o instrumento que elencamos para promover e aprofundar esse estudo, de forma lúdica, criativa, alegre e envolvente, foi a música.

# A música brasileira do ponto de vista histórico e sua importância para o ensino de história

A música é uma arte existente desde tempos remotos. A idade Média, no século IX abordava duas formas de música: a profana e a religiosa, destacando o cantochão, presente nas cerimônias religiosas. Após a música medieval, é difícil precisar quando um período musical termina e outro começa, pois, o “[...] processo é lento e gradual, quase sempre com os estilos sobrepondo-se uns aos outros, de modo a permitir que o ‘novo’ surja do ‘velho.’” (BENNETT, 1986, p. 11). Nesse sentido, de acordo com Bennett, podemos dividir a música em cinco grandes períodos após a música medieval. São eles: música renascentista, música barroca, música clássica, romantismo do século XIX e música do século XX. (BENNETT, 1986)

Entretanto, por se tratar de um período de longa duração (mais de mil anos) a abordagem inicial no presente artigo faz o recorte, detendo-se à música no Brasil, com ênfase às composições produzidas no período da Ditadura do Estado Novo e da Ditadura Civil-Militar. De acordo com Matos, diferentes setores sociais, considerados relegados, durante muito tempo tiveram na música o único documento que permitiu que tivessem voz. Muitas canções possibilitam reconstruir o imaginário existente sobre homens, mulheres e as tensões da vida urbana. (MATOS, 2001)

É difícil precisar quando a música surgiu na sociedade brasileira, pois é sabido por todos que durante o período da colonização, ocorrida no século XVI, os jesuítas utilizavam a música como ferramenta em sua catequese. Porém, partir desse momento pode representar um equívoco, pois estaríamos excluindo outra importante manifestação cultural musical que ocorreu, e ocorre, há centenas de anos, no seio da nossa sociedade: os rituais indígenas. Contudo, não tra-

taremos dessas manifestações nesse artigo, mas somente da Música Popular Brasileira que, de acordo com Napolitano (2002, p. 28) “podemos dizer que a música urbana no Brasil teve sua gênese em fins do século XVIII e início do século XIX.” Napolitano afirma ainda que a modinha, que “surge em fins do século XVIII, derivada da moda portuguesa” (NAPOLITANO, 2002, *idem*), seria uma das primeiras expressões da Música Popular Brasileira.

A outra expressão musical surgida nesse momento de Primeiro Império foi o lundu, que, segundo o autor: “Geralmente tinha o andamento mais rápido que a modinha e uma marca rítmica mais acentuada e sensual, sendo uma das primeiras formas culturais afro-brasileiras reconhecidas como tal.” (NAPOLITANO, 2002, *idem*). É a partir destes e outros gêneros musicais, e seus encontros, que “surgirão os gêneros modernos de música brasileira: a polca-lundu, o tango brasileiro, o choro e o maxixe, base da vida musical popular do século XX” (NAPOLITANO, 2002, p. 30). E é a partir justamente do início do século XX que surgem as primeiras gravações, logo a música urbana brasileira começa realmente a ganhar força e forma.

A partir do século XX, podemos dividir a história da música no Brasil em algumas fases, são elas: as décadas de 20/30, com a consolidação do samba; o período entre 59 e 68, marcado por mudanças nas formas de entender e fazer a música; e os anos entre 72 e 79, com a consolidação do conceito de **MPB**. Entretanto, entre esses períodos, surgiram dois movimentos altamente importantes para o surgimento a Música Popular Brasileira, como a já citada **MPB** e a **Bossa Nova**. Esses movimentos surgem em períodos de tensão, em meio a ditaduras e revoluções industriais, onde o papel da mulher foi sempre muito conturbado e incerto, sendo necessário definir o lugar da mulher na sociedade. Esse lugar, obviamente, era aquele de menos prestígio e influência, excluindo as mulheres de vários movimentos, inclusive do mercado de trabalho. Relutantes, as mulheres protestam e participam das manifestações públicas, mas também usam a música como ferramenta para tal.

Primeiramente, sobre a Bossa Nova, concordamos com Erick de Oliveira Vidal, quando este afirma que “A Bossa Nova era um movimento cujos protagonistas não se limitavam a um ou dois músicos, mas abrangia uma geração de vários músicos que contribuíram de forma significativa para a evolução de uma sofisticada forma musical.” (VIDAL, 2008, p. 8). Este movimento foi altamente importante para a renovação musical no Brasil, mas não apenas isso. Elevou (ou pelo menos pretendia elevar) o nível artístico da música brasileira e respondeu, em pé de igualdade, à invasão da música estrangeira no país. Alguns dos principais artistas desse movimento são: Antônio Carlos Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra, João Gilberto, entre outros. (NAPOLITANO, 2002)

A MPB não diz respeito apenas a Música Popular Brasileira (mesmo que um dos objetivos da MPB seja abarcar toda a Música Popular Brasileira, será mesmo que o movimento conseguiu, ou consegue, tal feito?). Representa um movimento cultural que surge como resposta em relação a Bossa Nova. De acordo com Napolitano, “A MPB foi pensada a partir da estratégia de ‘nacionalização’ da Bossa Nova que traduzia uma busca de ‘comunicabilidade e popularidade’, sem abandonar as ‘conquistas’ e o novo lugar social da canção.” (NAPOLITANO, 2002, p. 44). Entretanto, o movimento não foi tão excludente e nacionalista quanto se pode pensar, pois absorveu (e ainda absorve) as mais variadas tendências e elementos oriundos das mais diversas fontes. A MPB, diferente da Bossa Nova, não perdeu seu ímpeto ao longo dos anos, muito pelo contrário. Ainda nos dias de hoje encontra um grande número de artistas, além de uma quantia ainda maior de ouvintes. O movimento serviu como forma de protesto e crítica, especialmente no período da ditadura, o qual trataremos mais a frente, onde a metáfora era usada para evitar censuras. A participação feminina no movimento foi forte e constante, pois as mulheres sofreram diversos ataques no período e usaram a música como manifestação. Podemos citar como exemplo: Rita Lee, Paula Toller, Gal Costa. Esta última sofreu com a censura em seu álbum intitulado *Índia*, que possui uma imagem bastante sensual em sua capa.

# A importância da música no ensino de história

**H**á muito se sabe que, desde a sua origem mais remota, a história enquanto disciplina perpassou por diversas alterações na metodologia de abordagem. Foi, inicialmente, a partir de 1929, com o surgimento dos Annales, como oposição ao modelo vigente do positivismo, que o arcabouço histórico metodológico obteve inovações concretas (BURKE, 1991). Desse modo, a abrangência de fontes, tais como a arqueologia, a literatura e a música possibilitaram – e ainda possibilitam – novas interpretações dos acontecimentos históricos. É, então, devido a essas inovações que hoje os professores das áreas das humanidades (história, sociologia, letras, etc) podem utilizar a música como ferramenta metodológica para o ensino das mais variadas temáticas. Dessa forma, a partir da ampliação do leque de fontes, ampliam-se também as ferramentas que podem ser usadas tanto na pesquisa em História, quanto no ensino da disciplina nas escolas de ensino fundamental e médio.

Dito isso, podemos afirmar que encontramos na música uma aliada importante para entender e explicar certos momentos históricos, uma vez que a musicalidade nos possibilita repensar, dialogar e constituir perspectivas, pois desde seu surgimento, a música apenas ampliou-se em quantidade e qualidade, tornando-se uma das manifestações culturais e artísticas mais presentes no seio das sociedades, e permeando todo o cotidiano das mesmas, como rituais religiosos, comemorações, cortesias, reivindicações, casamentos, e toda sorte de acontecimentos onde houvesse a necessidade ou a vontade de usar esta arte como forma de expressão. Por ser uma manifestação que se encontra tanto nas altas camadas da sociedade, quanto nas mais populares, a música expressa as mais diversas formas de pensar, além de elucidar muitas relações sociais de uma época, nos proporcionando uma contextualização histórica.

Neste trabalho, a música é compreendida como fonte histórica ao passo que ela incorpora e dialoga com realidade social na qual é produzida. É inegável que os verbo-poéticos (letra) além de estarem repletos de memória histórica apresentam um contexto histórico e, desse modo, é um rico alicerce ao ensino de história ao mesmo tempo em que o torna mais atrativo para o aluno. Ademais, a justificativa para os

fins da proposta didática-pedagógica na utilização da música como contribuição ao ensino-aprendizagem dessa área supracitada, se faz pelas palavras de Siman (2004):

A presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura, material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico possibilitarão a construção do conhecimento pelos alunos, tornando possível “imaginar”, reconstruir o não vivido diretamente, por meio de variadas fontes documentais. (SIMAN, 2004, p.88).

Bittencourt (2004), também destaca que os vestígios das diversas fontes, enquanto memória oficial, são importantes alicerces que facilitam a compreensão do processo do conhecimento histórico. Desse modo, a música deve ser entendida como representação e fruto de uma determinada realidade social a qual distancia totalmente de uma mera ilustração decorativa de livros didáticos.

Apesar da polissemia do termo história, ela é entendida por muitos, unicamente, como a ciência que estuda o passado. Entretanto, para Rusen a consciência histórica não pode ser reduzida meramente a isto, pois ela dá suporte ao conhecimento histórico como um mecanismo na compreensão do tempo presente e antecipação do futuro, ao tempo que “[...] ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro”. (RUSEN, 2006, p.14).

Nesse sentido, são várias as ferramentas disponíveis ao historiador em seu ofício, entretanto, não só o historiador se privilegia com a quantidade elevada de fontes, como também o professor de História. A sala de aula passa, então, e receber mais formas de abordagem e os livros didáticos recebem a companhia de diversas outras metodologias de ensino. Uma dessas metodologias é a música que, mesmo não abordando períodos longínquos da História, traz um leque de possibilidades incrível ao professor de História, por vários motivos, entre eles: seu incrível número de produções; sua variedade, podendo assim tocar um maior número de alunos; sua transversalidade, ao possibilitar o diálogo com outras disciplinas; entre outras vantagens, que aparecem constantemente na prática pedagógica.

Um dos grandes desafios da vida do professor, e não apenas o professor de História, consiste em prender e manter a atenção dos alunos. Para tanto, é necessário recorrer a alguma metodologia que seja, ao mesmo tempo, didática e lúdica, que alie prazer e aprendizado. Seguindo esta linha de raciocínio Abud (2005) destaca que

as mudanças de paradigmas do conhecimento histórico acadêmico, a principal referência para a construção do conhecimento histórico escolar, permitem que este também reelabore os seus próprios elementos de construção, ao relacioná-los na aula de história ao saber apreendido na vivência cotidiana de cada um. (ABUD, 2005, p. 310).

A música torna-se, nesse contexto, uma solução para este problema, pois, se souber usá-la da melhor maneira possível, o educador pode conseguir manter o foco dos alunos na música escolhida, uma vez que é raro encontrar algum indivíduo que não aprecie a música. Também é interessante frisar que são várias as formas de utilizar a música no âmbito escolar, dada sua pluralidade como arte e seu envolvimento com outras temáticas. Podemos, por exemplo, utilizar a letra e exercitar a análise textual dos alunos, enquanto os mesmos buscam os aspectos solicitados pelo professor que se encontram na composição. É possível utilizar a música em si, para tornar o ambiente mais propício e suscitar o debate. Ou podemos ainda nos utilizar de musicais ou operas, ao passo que tais manifestações são vistas, por vezes, com maus olhos pelos alunos. Nesse último caso, é dever do professor desconstruir as visões negativas que possam existir, e mostrar aos alunos o verdadeiro teor artístico da obra, da maneira mais didática possível.

Percebemos, dessa forma, como a música também possui um alto grau de interdisciplinaridade. Ao analisar uma letra, por exemplo, mesmo buscando aspectos históricos na composição, há uma relação com a Língua Portuguesa e além disso, muitas músicas são grandes poesias. A outra clara relação que podemos fazer entre disciplinas, é com a Arte, uma vez que a música é uma manifestação artística. Mas não apenas isso, pois encontramos, sem dificuldade, músicas inseridas em contextos sociais muito específicos, e dessa forma torna-se uma ponte para abordar, também, a sociologia.

# Desenvolvimento das aulas: a perspectiva histórica dos direitos humanos a partir de análises de músicas brasileiras

Trabalhar música, história e direitos humanos nunca foi tão prazeroso. Apresentar novas perspectivas e “novos” personagens a partir de documentos que raramente estão presentes na realidade escolar, mas que estão expostos no cotidiano do aluno, faz com que ele não só dedique sua atenção e se interesse pela aula como também vai estar envolvido com o tema e assim irá realmente aprender o conteúdo transmitido pelo professor. Diante disso, a célebre frase “diga-me e eu esquecerei, ensina-me e eu poderei lembrar, envolva-me e eu aprenderei” de Benjamim Franklin, corrobora com a pretensão desse trabalho ao envolver os alunos nas aulas por meio da música. Além disso, “o registro, tratado como documento histórico em linguagem alternativa, é um instrumento para o desenvolvimento de conceitos históricos e para a formação de histórica dos alunos, conduzindo-os à elaboração de consciência histórica” (ABUD, 2005, p.313). Por fim, Abud ainda afirmar que

A observação, a leitura, a audição de documentos aleatórios, informais, são importantes para as representações sociais dos alunos que são intimamente ligados aos conceitos espontâneos desenvolvidos nas interações sociais imediatas, transformados, em situações formais de aprendizagem, em conceitos científicos. (ABUD, 2005, p.310)

## **A música e a conquista de direitos humanos no Período Colonial**

A partir da realidade cruel vivenciada pelos negros durante o Brasil-colônia, como a escravidão, maus tratos e a desigualdade em aspectos gerais, e mesmo destacando tais abusos, devemos ressaltar que, em contrapartida desse contexto exploratório à mão de obra negreira, há a presença de várias formas de resistência contra a escravidão. Dentre elas a sua religiosidade que contava com rituais musicais, algo que está ligado, mesmo que indiretamente a proposta inserida a esta pesquisa, onde iremos analisar traços que reafirmem, dos quais podem ser observados em manifesta-

ções artísticas voltadas a este fato. Neste primeiro tópico nos atentaremos a análise de letras de músicas atuais, porém que remetem a este período, como por exemplo a música Dandara, composta por Nina Oliveira, Peterson Trindade, Wesley Monteiro, Daniel Filipe e Caio Moura.

Entretanto, o período colonial não inspirou somente artistas solo do país, como também a banda pernambucana Nação Zumbi, grande expoente do movimento conhecido como mangubeat. Percebemos, dessa forma, como o período colonial repercute no presente da sociedade, pois deixou marcas profundas, que ainda atingem com grande força a comunidade afrodescendente ao redor do país, em fenômenos como o racismo e a intolerância religiosa. Dessa forma, as composições criadas por artistas modernos que remetem ao período do Brasil-colônia funcionam, além de forma de revisitar e relembrar seu passado, agem como forma de crítica social e política aos fenômenos negativos anteriormente citados. Nesse sentido, será o objetivo desse capítulo analisar as letras e buscar os elementos que caracterizem essa crítica social, além de destacar outros elementos que possibilitem uma nova visão sobre o período abordado, ou seja, o Brasil-colônia. Esse exercício possibilitará, a partir uma análise textual da música, a compreensão do movimento social expressado nas músicas, bem como a mentalidade dos participantes desse movimento.

## **Dandara (2017) – Nina Oliveira, Peterson Trindade, Wesley Monteiro, Daniel Filipe e Caio Moura.**

Foi a partir da segunda metade do século XX que a condição feminina apresentou uma considerável melhoria no que tange aos espaços públicos e privados. Desde então, as mulheres lutam pela extensão de direitos igualitários e valorizações. Dentre suas conquistas estão os espaços culturais onde escritoras e artistas vão muito além na constante luta de desconstruir o imaginário racista e sexista da sociedade, além de representan-

tes femininas elas apresentaram mulheres como protagonistas em seus trabalhos. Nina Oliveira é uma cantora e compositora afrodescendente da atualidade e se mostra como exemplo dessa marca feminina.

A letra da música “Dandara” traz uma personagem feminina que muitas vezes foi esquecida pela história, como tantas outras vozes femininas. Apesar da música apresentar esse protagonismo e um marcado romance entre dois heróicos personagens históricos (Dandara e Zumbi dos Palmares) a análise feita segue a ideias de Napolitano pois é “fundamental a articulação entre ‘texto’ e contexto’ para que a análise não seja reduzida, reduzindo a própria importância do objeto analisado” (NAPOLITANO, p.77). Desse modo, o contexto dos verbo-poéticos (letra) faz menção ao período de constantes revoltas dos escravizados no Brasil durante o período colonial. Vale destacar que, de acordo com Oliveira (2015), na década de 80, quando as produções literárias começaram a enaltecer a questão racial, foram os grandes homens do movimento negro que receberam o maior destaque nessa abordagem deixando à margem as representantes femininas.

[...] Observa-se, porém, que nesse período, poucas referências foram feitas às heroínas negras. Coube principalmente ao Movimento das Mulheres Negras o resgate de nomes como o de Nzinga, Acotirene, Dandara, que passaram a nomear a próprias organizações de mulheres negras. (EVARISTO, 2003, p.139)

É inevitável não traçar a história de Ganga Zumba e Zumbi dos palmares e dos acontecimentos envoltos desses personagens antes da abordagem da heroica Dandara. Personagens que marcaram sem dúvidas a importância do direito à liberdade e a democracia. Desse modo, traçar o contexto da letra da música “Dandara” é trabalhar com esses fatores que antecedem o protagonismo dessa personagem. Além disso, é também traçar a história do Quilombo dos Palmares - a maior e mais longa resistência dos negros, o qual teve mulheres como Aqualtune (mãe de Ganga Zumba e vó de Zumbi) frente a luta pela libertação dos negros escravizados.

Posto a abordagem desses fatos antecessores, os verbo-poéticos da música apresentaram o período que o Quilombo dos Palmares era liderado por Zumbi e sua companhia Dandara. Os versos “você vai pra guerra nego” e “vai meu guerreiro/ leva a libertação/ leva a coragem no peito” retratam o momento da luta de Zumbi e dos quilombolas na defesa e na conquista da liberdade dos seus companheiros escravizados, Dandara além de cuidar de seu povo era uma forte guerreira e esteve ao lado de Zumbi em diversas lutas. O trecho “Lá vai o rei novamente/ corajosamente, amargamente” e “Dandara chora/ pois seu guerreiro não volta” representam a grande emboscada de Jorge Velho (bandeirante paulista), uma consequência da traição de um mulato que levou a disseminação de um povo. Por fim, “e Ansam anunciou/ a morte chegando”, de acordo com Albuquerque (1978), quando Zumbi percebeu que a resistência de seu povo não iria mais aguentar a força das tropas inimigas, anunciou a seus companheiros que a único caminho que lhes restava para a liberdade era atirar-se da beira de um precipício. Desse modo, assim como muitos, Dandara tira sua própria vida pois prefere morrer livre a ser escravizada pelo resto da sua vida. Dito isto, “aquele que ama [e luta pela] liberdade a ponto de morrer por ela, nunca foi verdadeiramente um escravo” (ALBUQUERQUE, 1978, p.80).

O Quilombo dos Palmares é conhecido pela a nossa história brasileira, assim como o líder zumbi, como um dos maiores símbolos da resistência negra e da luta pela liberdade do povo negro. Foram centenas de anos de combates e relutância contra as forças opressoras do governo para que os escravizados conquistassem direitos comuns aos outros indivíduos, como o direito à liberdade. As músicas brasileiras que remetem a esse período histórico são marcas de representação de resistência, de identificação e de valorização da cultura africana que por muito tempo foi marginalizada.

## **A música e a conquista de direitos humanos no Era Vargas e na Ditadura Civil-Militar**

Na Era Vargas e a Ditadura Civil-Militar houve represálias aos artistas, considerados subversivos, e a grande massa foi privada de conhecer por completo uma das artes mais belas e expressivas da humanidade, a música. Durante a Era Vargas, que veremos inicialmente, a Música Popular Brasileira no Brasil ainda se encontrava em seu período inicial, lançando suas bases. Já no período da Ditadura Civil-Militar, o panorama muda, pois, a Música Popular Brasileira já se encontra bastante consolidada, e encontra mais ferramentas para resistir à censura.

### **Era Vargas**

Como fonte documental, tanto a música quanto a canção popular têm ganhado importância sobre a História do Brasil, especificamente quando estudamos os períodos compreendidos entre 1930 a 1980. Na década de 30, em meio a tantas crises e transformações sociais, surge o Estado Novo liderado por Getúlio Vargas, que propagava impulsionar o desenvolvimento econômico criando uma nova representação para a “classe trabalhadora”. Ao mesmo tempo há um grande número de mulheres participando do processo de industrialização no Brasil, de modo especial nas fabricas de tecido, o qual foi o grande responsável pelo crescimento no número de mulheres imigrantes vindas ao país com o intuito de trabalhar nas grandes fabricas de tecelagem brasileiras, destacando assim o quão era importante a força do trabalho feminino naquele período e que justamente a força feminina foi a responsável por manter vigente a economia.

É válido ressaltar que neste período as grandes cidades do país, tais como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife recebiam muitas pessoas vindas da zona rural em busca de melhores condições de vida, muitos destes desqualificados e sem perspectivas, tendo seus Direitos básicos totalmente negados, submetendo-se a situações

precárias de trabalho e sobrevivência. Vargas por sua vez, elabora uma propaganda em relação ao trabalho criando uma idealização otimista do trabalhador, então isso fez com que Getúlio ganhasse destaque, visto que em seus discursos transmitidos através do rádio (principal meio de comunicação, que atingia grande massa) destacava sempre a importância do emprego salientando sempre o nacionalismo, criticando a boemia existente. Com isto surge ideias divergentes a este modo de governo, por meio de manifestações artísticas, exemplo, a música, o teatro e o cinema.

Por tanto o ensino de música nas escolas já era realidade naquele momento, pois desde o início do século XX alguns músicos como Villa-Lobos e Mario de Andrade defendiam esta ideia, Getúlio logo percebeu o quanto a música poderia acessar o imaginário popular, nesse caso o Estado iniciou um forte movimento repressor com relação a todos os músicos, não havendo apenas a repressão aos músicos como também a censura ao cinema, teatro, imprensa, rádio e em especial a música, novamente negando os Direitos básicos das pessoas naquele momento, como liberdade de expressão e de pensamento.

Consequentemente não havendo apenas o desprezo pelos Direitos Humanos, contudo são criados órgãos responsáveis por esta censura, a exemplo o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que passou a efetuar forte pressão sobre as atividades artísticas restringindo absolutamente a liberdade de expressão dos artistas. Adalberto Paranhos (2005), por exemplo, aponta que os compositores populares, em especial os sambistas, passaram a ser estritamente vigiados por esta nova entidade repressora. O órgão tinha por objetivo cultivar a personalidade de Vargas controlando a opinião pública, como também os hábitos e o comportamento da grande massa, com o intuito de propagar a eficácia do governo.

Uma forte representante da busca pelos Direitos da mulher neste período é a cantora e compositora Elza Soares que lutava por liberdade e igualdade, em especial da mulher negra, como é sabido elas são as que mais sofreram violências no Brasil em todas as épocas, a própria é um exemplo disto. Sua canção Dura na queda em trechos retra-

ta o poder e o vigor da mulher a exemplo quando a cantora fala “Perdida/ na avenida/Canta seu enredo/Fora do carnaval/Perdeu a saia/Perdeu o emprego/Desfila natural” deste modo entende-se que a mulher sempre teve que construir a sua própria trajetória uma vez que ela não recebia apoio da sociedade, ou seja, procurando obter o seu espaço no meio social, já neste trecho “Bambeia/Cambaleia/É dura na queda/Custa a cair em si/Largou a família/Bebeu veneno/E vai morrer de rir” a cantora ressalta as dificuldades vividas pelas mulheres outro obstáculo assim enfrentado é o estereótipo criado pela sociedade onde a mulher é tida submissa ao homem, por fim Elza destaca o empoderamento feminino como pode-se observar no seguinte trecho “Vagueia/Devaneia/Já apanhou à beça/Mas para quem sabe olhar/A flor também é ferida aberta/E não se vê chorar” assim mostrando a força e ao mesmo tempo a ternura feminina.

## Ditadura Civil-Militar

É sabido por todos que possuem certo grau de conhecimento histórico-social, além de uma boa dose de bom senso, que a Ditadura Civil-Militar foi um período de repressão e autoritarismo, onde muitos direitos básicos foram arrancados a ferro e fogo de toda a sociedade. Nesse contexto de violação dos Direitos Humanos, a música se coloca como defensora da liberdade, dando voz às mais diversas críticas e protestos, mesmo correndo altos riscos. Alguns dos artistas que desempenharam esse papel foram: Chico Buarque, Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre tantos outros. Vale destacar que os dois últimos foram exilados durante o regime, uma violação clara do direito de ir e vir.

No que se refere às mulheres, a repressão foi em dobro, dada a desigualdade de gênero que ocorria no período. Excluídas da vida pública, lugar declaradamente masculino, eram relegadas ao cuidado do lar. A mulher militante, que se contrapunha a essa cultura, era considerada transgressora e subversiva, por isso altamente perseguida.

Entretanto, devido à perseguição e censura impostas pelo regime, os artistas tiveram que en-

contrar uma forma alternativa para criticar o momento vivido. Sendo assim, era muito comum nas composições do período encontrar metáforas e alegorias para disfarçar o protesto. Um grande exemplo dessa prática, é a música Cálice, de Chico Buarque, onde percebemos a crítica no seguinte trecho: “Pai, afasta de mim esse cálice”. O autor usa a palavra “cálice” não para se referir ao objeto usado como recipiente para bebidas, mas sim para designar a censura que ocorria, o “cale-se” que o regime impunha aos artistas, uma afronta à liberdade de expressão. Outra composição, também de Chico Buarque, intitulada Apesar de Você, traz esse mesmo teor de duplo sentido: “Apesar de você/Amanhã há de ser/Outro dia”. O compositor usa a segunda pessoa do singular, uma colocação que não revela claramente com quem está se falando, mas que todos sabiam que ele se referia aos militares, mais especificamente a Emílio Garrastazu Médici, terceiro presidente do Regime Civil-Militar. Outra importante artista do período foi a gaúcha Elis Regina, representação feminina tanto nas músicas, como nos movimentos políticos. Elis, mesmo não possuindo tantas composições próprias que falavam sobre o período, interpretou composições de terceiros, a exemplo de Como Nossos Pais, de Antônio Belchior e O Bêbado e a Equilibrista, de João Bosco e Aldir Blanc.

Na composição da canção Como Nossos Pais, que mesmo não sendo criada por Elis foi consagrada por sua interpretação, percebemos um crítica muito forte ao período. No trecho “Por isso cuidado, meu bem/Há perigo na esquina/Eles venceram e o sinal/Está fechado pra nós/Que somos jovens”, fica claro o descontentamento com o conservadorismo encontrado no regime. Também na passagem “Já faz tempo/Eu vi você na rua/Cabelo ao vento/Gente jovem reunida/Na parede da memória/Essa lembrança/É o

quadro que dói mais”, podemos perceber o saudosismo em relação ao passado, quando havia mais liberdade individual e coletiva. Em vários outros trechos da música é possível perceber críticas, e Elis Regina, uma das vozes mais fortes da música brasileira do período, foi a responsável por interpretar essa letra, entre outras que hoje são consagradas.

A partir disso, podemos concluir que a música foi uma aliada importante para aqueles que defendiam a liberdade no período da Ditadura Civil-Militar, mesmo que correndo muitos riscos, e sofrendo com exílios. Nesse sentido, podemos perceber como a música é uma importante ferramenta, tanto do ponto de vista social, sendo usada para combater e criticar certos momentos conturbados e, no caso de governos repressores, recuperar os Direitos Humanos. Também é relevante do ponto de vista histórico, para entender estes momentos. Assim, a música se torna uma das formas do professor de História abordar certos temas em sala de aula, pois mesmo que certos períodos históricos não contem com produções musicais, é raro não encontrar uma música que remeta a esses períodos. Portanto Moraes afirma o quanto a música pode nos auxiliar na interpretação dos fatos, destacando que:

A música não deve ser simplesmente entendida como texto, ao analisarmos os diferentes estilos musicais brasileiros, percebemos que historicamente, canções sempre tiveram aproximações e distanciamentos dos regimes governamentais. Essa conexão da música com os períodos históricos é que permite que a tomemos como elemento de análise das transformações políticas ocorridas no país, principalmente se pegarmos o uso feito, por determinados governos, do poder que a música teve de comunicação e difusão. (MORAES, 2000)

# Considerações finais/ conclusão

**P**odemos, a partir de toda a argumentação contida no artigo, apontar algumas considerações finais que devem ser destacadas. Abordar uma das artes mais importantes já criadas pelo ser humano, a música, é uma tarefa complicada, que requer muita paciência e dedicação, porém se mostra uma atividade muito prazerosa. Em especial, devemos destacar a música brasileira, a qual foi o enfoque principal do artigo, pois esteve presente nos momentos mais conturbados da História do Brasil, reagindo às injustiças ocorridas e dando voz para as minorias. Dessa forma, é impossível dizer que ouvir e analisar essas não traz uma miríade de emoções, uma vez que as dores, lutas e superações da sociedade brasileira estão presentes nas composições abordadas durante o trabalho.

Portanto, conclui-se o quanto a música cumpre um importante papel perante a sociedade brasileira, visto que ela é uma manifestação artística que pode nos transmitir valores sociais, éticos e históricos. Percebemos isso ao usar a música como fermenta pedagógica, pois o questionário oral realizado com os alunos demonstrou um certo desanimo em relação à disciplina de história. De acordo com os fatos abordados neste artigo, pode-se esclarecer a inquietude por parte de alguns artistas, os quais buscaram uma forma de expressão para retratar a realidade vivenciada e, esta forma encontraram através da música, deixando assim um grande legado para as próximas gerações, que vem a ser o auxílio no entendimento dos acontecimentos históricos-sociais, como também a influência da herança cultural africana para o cenário artístico nacional. Assim como podemos observar na análise da música “Dandara” e nas músicas citadas na época da Ditadura Civil-Militar.

Uma vez que o tema proposto neste artigo é justamente fazer uma relação entre História e Direitos: Memória, Resistência e Condição Feminina, nota-se ao trabalhar a música Mulheres de Atenas com estudantes do 8º ano fundamental a possibilidade do entendimento destes alunos. Exatamente pela compreensão ao analisarem a letra da música, que faz menção ao modo em que as mulheres atenienses viviam. O

autor desta musicalidade faz uma crítica a este comportamento e em alguns casos a repetição destes acontecimentos para as mulheres da atualidade. Ficando, assim, bem claro a inquietude por parte dos estudantes que através das letras das músicas conseguem compreender aspectos relevantes para a construção da sociedade. Tais como os Direitos Humanos de forma geral, como também de modo especial a condição feminina que como se mostra em muitas músicas há sempre uma exclusão/ rejeição da mulher em momentos históricos.

Tais representações utilizadas, ressaltando as músicas que remetem ao período colonial, a Era Vargas e a Ditadura, nas quais se complementam, pois como haja visto, havia um apagamen-

to da cultura africana, da mesma forma como se queria ocultar as manifestações artísticas que viessem contra o modo de governo, então nota-se que apesar das músicas tratarem de épocas distintas, sempre há uma ligação entre o modo de agir das pessoas que detinham o poder nessas épocas, algo que vem a explicitar a importância de serem estudados em sala de aula assuntos deste cunho, onde irá contribuir altamente para o desenvolvimento crítico do aluno, nessa perspectiva pode-se observar no estudante a construção de referências significativas para que ele possa questionar-se a respeito das diferenças e da tolerância que têm se manifestado na sociedade em que vivemos.

# Referências

ABUD, Katia Maria. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História. Caderno Cedes. Campinas, v.25, n.67. p.309-317, set/dez. 2005. ALBUQUERQUE, Leda Maria de. Zumbi dos palmares. 2ª ed. São Paulo: IBASA, 1978.

BENNETT, Roy. Uma Breve História da Música. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986. Tradução de Maria Teresa Resende Costa.

BITTENCOURT, C. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 153 páginas. Tradução Nilo Odalia.

EVARISTO, Conceição. a noite não adormece nos olhos das mulheres. In.: BERND, Zilá (org.). Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.

MORAES, J.G.V. História e música: canção popular e conhecimento histórico. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203 – 221, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. História & música – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. Feminismo negro e pós-colonialismo: a crítica a partir de autoras femininas. In.: Anais do III Seminário de Estudos Medievais da Paraíba e II Jornada Gênero e Literatura, em 10 e 11 de junho de 2015 / Organizadora: Ana Cláudia Félix Gualberto.- João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

PARANHOS, Adalberto. Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”. Disponível em: <[https://tede.pucsp/bistrear/handle/13172/1/tese Adalberto de Paulo Paranhos/](https://tede.pucsp/bistrear/handle/13172/1/tese%20Adalberto%20de%20Paulo%20Paranhos)> Acesso em: 30 de dezembro de 2018

RUSEN, Jorn. Didática da história: passado, presente e perspectiva a partir do caso alemão. Práxis Educativa, Ponta Grossa-PR, v.1, 2006. Tradução de Marcos Roberto Kusnick.

SIMAN, Lana Mara C. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: Zarth, Paulo A. Et al. (orgs.) Ensino de História e Educação, 2004.

Vidal, Erick de Oliveira. As capas da bossa nova: encontros e desencontros dessa história visual (lps da elenco, 1963). 2008. 129 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.